

## DOCUMENTÁRIO

### TRÊS POEMAS DE JOAQUIM DE SOUSA (\*)

#### DORES NA SOMBRA

Lírio do vale, eu fui um desvairado,  
Pudera te adorar... só quis amar-te;  
Nas ânsias de um sofrer amargurado,  
Em vez de te elevar, tentei manchar-te!  
— Perdoa! eu sou o verme... és tu o astro  
E seria de fel nosso himeneu...  
Ai! lança, no passar, um tênue rastro  
De luz, no negro crepe do meu céu!...

Foram teus meu delírio e meu anelo,  
Mas meu sofrer foi só! ninguém o viu!  
Tredo sonho roçou em meu cabelo,  
E o fantasma da morte ali dormiu!  
Sim, do mundo infernal a infame boca  
Cuspiu no meu cadáver inda sangrento;  
E minh'alma se arroja, como louca,  
Pelas trevas ferais do pensamento!...

(\*) Joaquim de Sousa (1855-1876), poeta cearense de expressão byroniana, suicidou-se no Rio de Janeiro há mais de 110 anos e não deixou livro. Os poemas aqui reproduzidos foram recolhidos por Sânzio de Azevedo do jornal *Mocidade*, que circulou em Fortaleza em 1876.

Covardes, que chorais, vinde comigo,  
Abri a noite fria dos maíditos;  
E esbarremos na porta do jazigo...  
— Inda um instante negro de proscritos;  
Infames, que sorris!... Erguei a taça,  
Esgotai do gozar o cálix todo!...  
Bebei na boca impura da devassa  
Um misto de prazer... de luz... e lodo!

Tristemente a sorrir frio e gelado  
Eu deixei-me empurrar pelo Destino...  
Morrer que importa? O anjo do finado  
Embrulha na mortalha o peregrino!...  
— Minh'alma, que era cega, iluminou-se  
Ao teu suave olhar tão pensativo...  
E às esferas da luz ela arrojou-se...  
— Mas hoje é tudo morto... eu já não vivo!

Na febre desse anelo e desse sonho  
Fui elevar-me às nuvens cor-de-rosa!...  
— Dias felizes, plácidos, risonhos,  
Hoje tornados — noite dolorosa!...  
Morrer!... Eu sinto n'alma o desalento  
Arrancar-me uma a uma as esperanças!  
Oh, virgem! meu amor, meu pensamento,  
Leva-me ao céu atado às tuas tranças!...

*Mocidade, 23.04.1876*

## NEGRUMES

Parece, chego ao termo da jornada...  
— Parte-se d'alma a derradeira fibra!  
Meu triste pensamento — águia tombada,  
Já nas nuvens risonhas não se libra;  
Crestou-lhe as asas na tormenta irada...  
Feriu-lhe o golpe que a desgraça vibra!...  
— E no crepe da dor envolvo a fronte,  
— Não tem risos nem luz meu horizonte!...

Sozinho galgo o vale dos finados,  
E mergulho na campa os pés poentos...  
E junto a mim nos mantos embuçados  
Fantasmas sepulcrais perpassam lentos;  
Múmias e corvos correm desvairados,  
Tremem e riem, — canibais, sangrentos!...  
Oh! minha aurora sepultou-se em gelo!  
Das crenças d'alma desprende-se o elo!

Queima-me a areia do deserto extenso,  
Desnudado, sem luz e sem palmares!  
E minh'alma, qual chama ou qual incenso  
De pira sacra s'embebeu nos ares!...  
Adeus, virgem que amei! No mar imenso  
Rola a espuma febril dos meus sonhos!...  
Oh! é bem triste percorrer sozinho  
As ossadas ferais do meu caminho!

No fogo da paixão e das quimeras  
A seiva do meu ser já consumiu-se;  
O doirado sonhar daquelas eras  
De encontro ao meu destino bipartiu-se!  
E quando resvalei lá das esferas  
O demônio da dor cantou, e riu-se!...  
Adeus, sombra gentil e vaporosa,  
Eu mergulho na noite tenebrosa!...

Quando as névoas do mar dormem na praia,  
Quando as aves do céu dormem na terra,  
Minh'alma como a vaca até se espraia,  
E da pobre matéria se desterra!...  
Pobrezinha, sem luz, talvez que atraia  
Um astro desses mil, que o céu encerra!...  
Ai não me chores, não! pobre açucena!...  
Tu és o colibri... eu a falena!

Amanhã! amanhã! Triste mistério,  
— Concha fria, que encerra o meu futuro;  
Talvez que lá no sol d'outro hemisfério  
Purifique o meu ser do lodo impuro!

— O destino me brada atroz, funéreo:  
Desce ao teu antro poeirento, escuro!...  
E sombrio, retomo a negra estrada...  
— Adeus, raio do céu! eu volto ao nada!

Mocidade, 30.04.1876

## ADEUS

Ai não me chores não!... Se desvairado  
O destino febril arremessou-me...  
Eu tinha a sina atroz do condenado,  
A torrente fatal arrebatou-me!...  
Não podia fugir, que o meu passado  
à cadeia da dor agrilhou-me!...  
— E os sonhos be'os que a chorar lamento  
São folhas secas, que levou o vento!

Meu Deus! Já de ilusões doirei meu leito,  
Aqueci-as dos céus nos sacros lumes;  
P'ra tantas sombras era o mundo estreito,  
Filhas das fadas, criações dos numes!...  
— Mas hoje o coração morreu no peito,  
Quando eu quis inundá-lo de perfumes...  
— No deserto caminho solitário...  
Sigo a estrela fatal do meu fadário!...

O ruído das festas me amordaça,  
E sinto que este clima me sufoca...  
Só vejo nuvens negras de desgraça,  
Quando a cidade ri, sedenta e louca;  
Quis beber do prazer a febril taça,  
E o travo amargo causticou-me a boca!...  
— E, enquanto o mundo dorme nas orgias,  
Beijou a morte as minhas mãos já frias!...

Não foi, por certo, o mundo qu'eu sonhava,  
Esse em que bruscamente me senti...  
Em vez do céu azul que eu anelava,  
Achei o leito impuro em que dormi!...

— Loucura! A sorte negra me buscava,  
— Corvo faminto, que voeja e ri!...  
— Por toda parte segue-me o fadário,  
E diz: teu himeneu é ossuário!...

Adeus, sombra gentil, que um devaneio  
De moça fez prender-me em doce laço...  
Adeus, minha pobre irmã! Sobre o meu seio  
Jamais te estreitarei em doce abraço!...  
No céu do meu destino atroz eu leio,  
Da morte ir repousar sobre o regaço!...  
— Lírios mimosos — filhos da inocência,  
Dai-me da prece a sacrossanta essência!

*Mocidade, 23.06.1876*